



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



Casa Comum

Obras da Coleção do CAM

Common House | Works from the CAM Collection



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

Casa Comum

Obras da Coleção do CAM

Common House | Works from the CAM Collection

14 Janeiro > 27 Março 2011

CAM – Galeria 1

January 14th > March 27th 2011

CAM – Gallery 1

Curadoria | Curator

Leonor Nazaré

Artistas | Artists

Amadeo de Souza-Cardoso

António Areal

António Carneiro

Bernardo Marques

Carlos Botelho

Emmerico Nunes

Fernando Lemos

Filipa César

Gil Heitor Cortesão

Graça Pereira Coutinho

João Abel Manta

Joaquim Bravo

Jorge Barradas

José de Almada Negreiros

José Dominguez Alvarez

José Pedro Croft

Julião Sarmento

Júlio Resende

Lourdes Castro

Manuel Amado

Manuel Bentes

Maria Beatriz

Mário Eloy

Nadir Afonso

Pedro Cabrita Reis

Pedro Calapez

Pedro Gomes

Rui Filipe

Sarah Affonso

Thomas Weinberger

Thomáz de Mello (Tom)

Coordenação | Coordinator

Leonor Nazaré

Revisão | Proofreading

Patrícia Rosas

Tradução | Translation

Rui Esteves

Design | Graphic Design

Pedro Leitão

Impressão | Printing

Jorge Fernandes, Lda., Artes Gráficas

300 exemplares | copies

Depósito Legal | Legal Deposit

ISBN: 978-972-635-231-0

Janeiro 2011 | January 2011

Thomáz de Mello (TOM), New York, 1950 ➔



A casa é o lugar em que projectamos os mais inconscientes e elementares desejos de protecção, calor, reconhecimento e recolhimento e até de estímulo afectivo, estético, sensorial e cognitivo. Nela vivemos à escala de um pequeno mundo, as dimensões variadas em que a vida nos acolhe e interpela; idealmente, ela permite-nos o sono e a intimidade, a fantasia, o espaço privado e a modelação da “abertura” ao exterior.

A casa está associada à família e ao alimento, como à arquitectura, à construção e à paisagem, ao interior e ao limiar, à individualização e à agregação colectiva. Nela se reúnem, por isso, arquétipos fundamentais da constituição do humano.

Esta exposição remete-nos para eles, através de obras de 31 artistas da colecção do CAM do início do século XX ao século XXI.

Voltar a Casa

Na tabela de uma obra de **António Areal** lemos: “Paisagem: no primeiro plano uma casa numa colina. Ao fundo, no lado direito, chove copiosamente”. Mas na parede vemos apenas uma caixa vazia (madeira e vidro), da série que realizou em 1969. Nela se referia com ironia e eficácia conceptual à pintura de género, à arte como ideia e ao papel activo da imaginação de quem olha.

As casas assombradas de **Joaquim Bravo**, apesar de tradicional pintura sobre tela, aproximam-se desse grau de abstracção mas propõem uma imagem: perfis de paredes hipotéticas ou breves aberturas de luz indecifráveis, na totalidade negra.

Almada Negreiros radica a abstracção da sua *Porta da Harmonia* e do seu *O Ponto de Bauhütte* na geometria sagrada, e nesse sentido oferece-nos, neste conjunto de obras, o arquétipo mais essencial da ideia de construção.

A noção de estrutura, edificação e construção é transformada, numa das peças de **José Pedro Croft**, num volume de geometria simples, desenhado por perfis metálicos, paredes de espelhos, cubos e volumes imaginários ou só parcialmente definidos. A ilusão espacial e a inclusão do espaço envolvente no espaço da obra são coadjuvantes de uma interpelação do observador, que é absorvido pela estrutura em função dessa vertigem perceptiva.

A casa de ossos e o esqueleto canino que a observa numa das pinturas de **Gil Heitor Cortesão** propõe-nos outra forma de vertigem: aquela em que o desejo e a identificação se projectam inteiramente na definição de uma imagem.

Na outra obra do artista aqui exposta é o ponto de vista que fabrica a inverosimilhança e uma espécie de suspensão onírica: pairamos sobre o lugar sem barreiras físicas, e a excelência do *design* de interiores do edifício parece congelada no tempo e ferida pelo seu próprio abandono.

O trabalho em vídeo de **Filipa César** inventaria friamente uma oferta comercial no âmbito do mobiliário e da decoração de apartamentos e interiores. Um *travelling* infundável sublinha a impessoalidade inerte dessas grandes lojas.



Filipa César, *Product Displacement* (still), 2002

Thomas Weinberger fotografou recentemente, em Lisboa e propõe-nos uma imagem sóbria de uma zona incharacterística de Alcântara.

Estamos na cidade. À paisagem urbana interior corresponde, necessariamente, uma paisagem exterior e uma arquitectura. **Pedro Gomes** desenha recortes da cidade fazendo proliferar traços mínimos e enovelados a esferográfica, dos quais, à distância apropriada, surgem prédios e ruas com inesperada definição.

Numa pintura de 1941, **Nadir Afonso** perspectiva Os Clérigos, no Porto, a partir do plano baixo de uma rua que a eles conduz e mancha com precisão mas liberdade de movimentos as fachadas dos prédios ou o asfalto e o céu que a enquadram. Na mesma época, **Thomáz de Mello (TOM)** estiliza uma vista aérea de Nova Iorque e **Carlos Botelho** pinta também aspectos da grande cidade. **Bernardo Marques** desenha a encosta de Alfama ou telhados em zonas mais periféricas. No caso de **Júlio Resende**, uma abstracção estilizante e carregada transforma o que poderiam ser recortes de casas e, noutro caso *Figuras à Mesa*, em geometrias compactas e amalgamadas. **Rui Filipe** recorre a um processo equiparável, apesar do valor diferente que confere ao traço de contorno. **João Abel Manta** conduz-nos às margens mais degradadas da grande cidade figurando um local dentro do bairro Casal Ventoso, em Lisboa.

A janela é um limiar fundamental entre a casa e o mundo exterior. É expressiva em **Almada** e emotiva em **Sarah Affonso**, verosímil e encantatória em **Carlos Botelho**, decorativa e burguesa em **Bernardo Marques**, surreal e enigmática em **Fernando Lemos**. Entrevista também numa fotografia de **Maria Beatriz**, a janela reconduz-nos ao interior da casa e à natureza-morta (a famosa natureza-morta de **Mário Eloy** não poderia deixar de ser convocada), depois de nos ter incitado à contemplação exterior. *Vitas Brevis* é uma série fotográfica melancólica e sumariamente evocativa de uma narrativa cifrada que a artista desenvolveu em 2000 para uma exposição no CAM. A instalação *Homenagem a Almada* é bastante anterior (1983), apesar da familiaridade formal. Um texto de Almada serve de pretexto à evocação simbólica da mãe, do carinho, do calor, da segurança. A mãe é a primeira casa. Algo de semelhante, mas mais genérico, fica dito na obra de **Cabrita Reis**, *Meus Pais deram-me aquilo que podiam, Alma da sua Diversa*. A obra é uma homenagem material (a madeira, a luz, os panos, o alimento) e espiritual a esse legado e matriz familiares. No interior da casa habitamos quartos (**Emmerico Nunes**, **Manuel Amado**) e salas (**Bernardo Marques**), registamos memórias e omissões: *A Casa do Esquecimento* de **Cabrita Reis** – parede de blocos de gesso na qual foi cavada uma abertura onde deposita um jarro de azeite – desenha esse arquétipo em que se fundem abrigo e ameaça à sobrevivência, solidez e precariedade.



Pedro Cabrita Reis, *A Casa do Esquecimento* [The House of Oblivion], 1998

O lençol de **Lourdes Castro** mantém-nos ainda no interior, no contorno de um corpo deitado em que facilmente nos projectamos. O grande divã de **Pedro Calapez** também.

A porta é o grande limiar, aquele que realmente nos permite o acesso a estes dois lados do mundo: lá fora e cá dentro. A gigantesca porta etrusca de **Graça Pereira Coutinho** actualiza uma referência cultural ancestral, conferindo-lhe a monumentalidade que lhe é própria, mas também “moldando” e preenchendo a pintura com inúmeros detalhes: gatafunhos ilegíveis, palhas amassadas sob plástico transparente, inscrições pessoais.

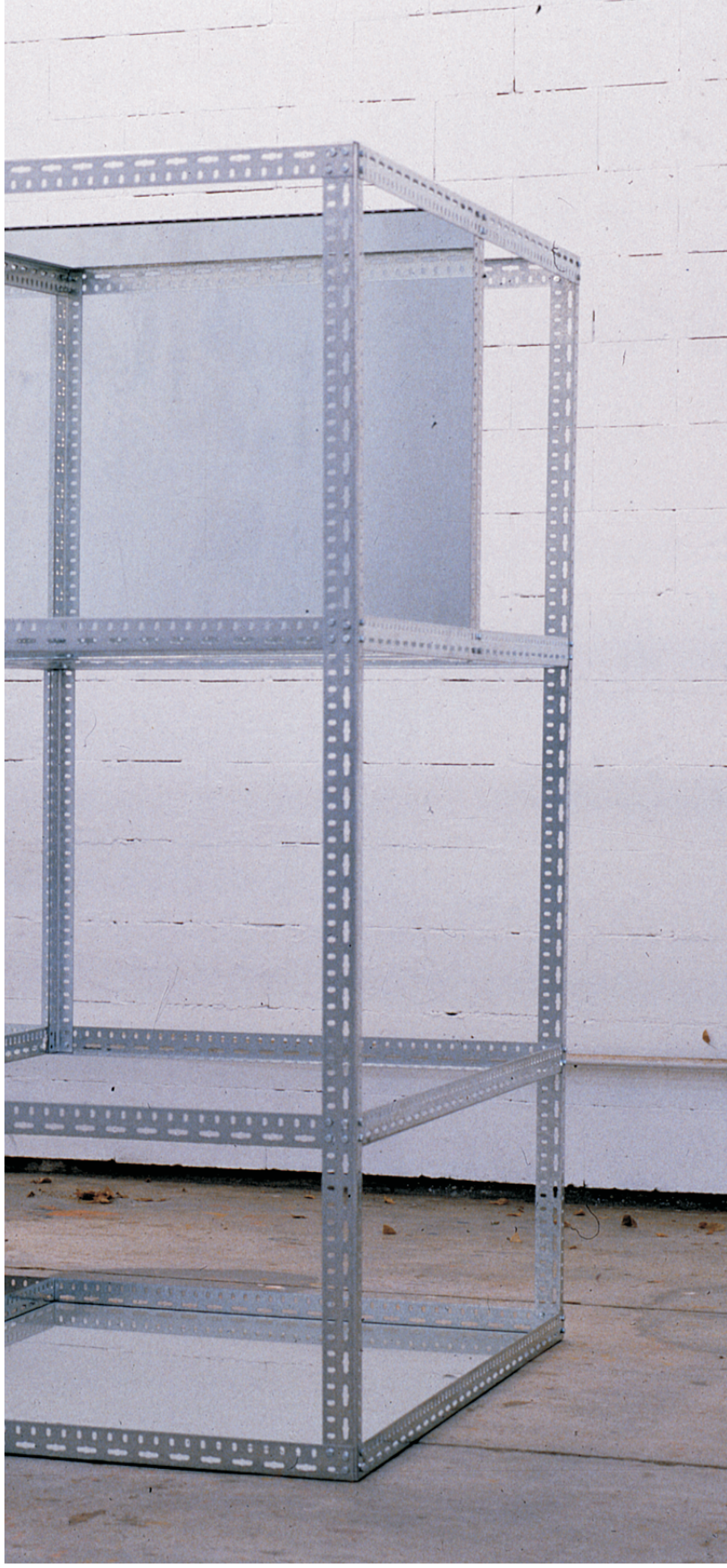
A última porta e a última morada são tumulares – a escultura em mármore de **José Pedro Croft** constrói esse lugar de atracção e síntese ambígua em que a ideia de limiar assume a sua mais profunda e inquietante significação.

Leonor Nazaré



Julião Sarmiento, Amazônia, 1992

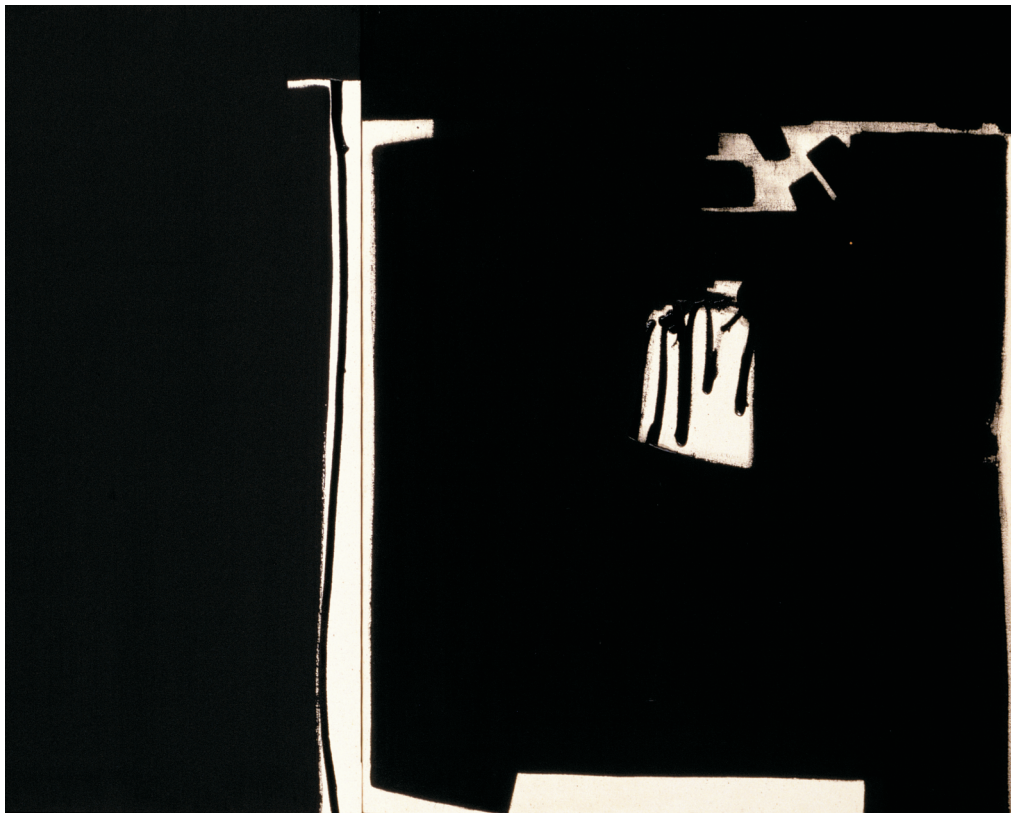




7 José Pedro Croft, *Si/Título* [Untitled], 1998



Joaquim Bravo, *Casas Assombradas* [Haunted Houses], 1976-1985



Home is the place where we channel the more unconscious and elementary wishes of protection, warmth, recognition, refuge and even of affective, aesthetic, sensorial and cognitive incentive. In it we live pursuant to the scale of a small world, according to the varied dimensions life shelters and questions us; ideally, it allows us the sleep and the intimacy, the fantasy, the private space and the molding of the “opening” to the exterior. Home is related to family and food, as to architecture, to construction and landscape, to the interior and to the threshold, to individual and to collective aggregation. Consequently, in it are reunited the fundamental archetypes of the constitution of the human self.

This exhibition sends us off to them through the works by 31 artists of the CAM collection from the beginning of the 20th century to the 21th century.

Returning Home

In a caption of an **António Areal** work we read: “Landscape: in the foreground, a house on a hill. In the background, on the right side, it pours”. But on the wall we can only see an empty box (wood and glass) of the series he created in 1969. On it he comments – with irony and conceptual efficiency – on the genre painting, on art as an idea and on the involved role of the imagination of those who look at it.

Joaquim Bravo's haunted houses, although being traditional painting on canvas, come closer to that degree of abstraction and yet proposing an image: profiles of hypothetical walls or undecipherable slight openings into the total black light.

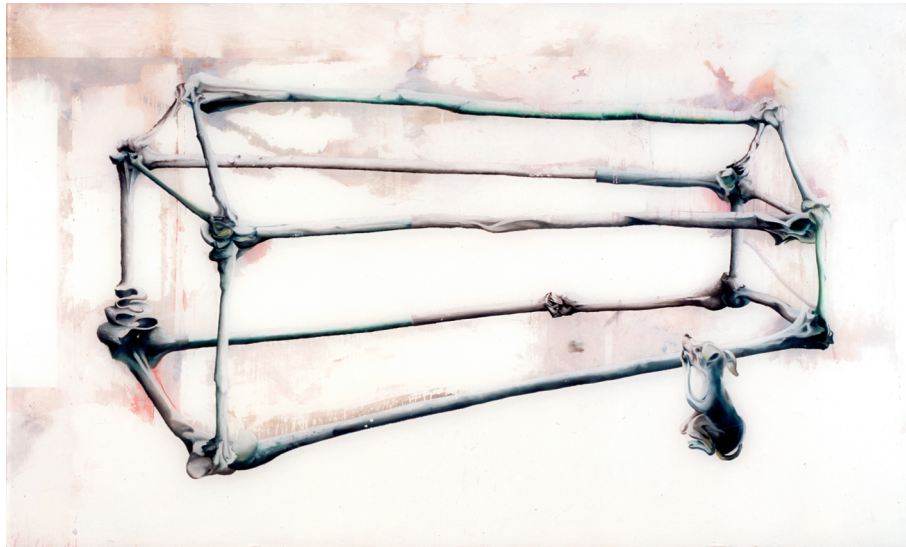
Almada Negreiros roots the abstraction of his *Porta da Harmonia* [Door of Harmony] and of his *O Ponto de Bauhütte* [The Bauhütte Punkt] in the sacred geometry and, in that sense, he offers us in this set of works the more essential archetype of the idea of construction.

In one of **José Pedro Croft**' works, the notion of structure, edification and construction is converted into a volume of simple geometry drawn by metallic profiles, mirror walls, imaginary cubes and volumes or only slightly defined. The spatial illusion and the inclusion of the surrounding space of the work are coadjutants to call out the observer who is absorbed by the structure due to that perceptive vertigo.

In the other work of **Gil Heitor Cortesão**, it is the point of view that fabricates the unlikelihood and a kind of dreamlike suspension: we hover over the place without physical barriers and the excellence of the design of the building's interiors seems frozen in time and afflicted by its own abandonment.

Filipa César's work on video would coldly itemize a commercial promotion in the business area of furnishing and decoration of interiors and apartments. An endless travelling underlines the still impersonality of those huge shopping precincts.

Thomas Weinberger has recently photographed in Lisbon and proposes us a composed image of an uncharacteristic area of Alcântara.



Gil Heitor Cortesão, *S/Título* [Untitled], 1998

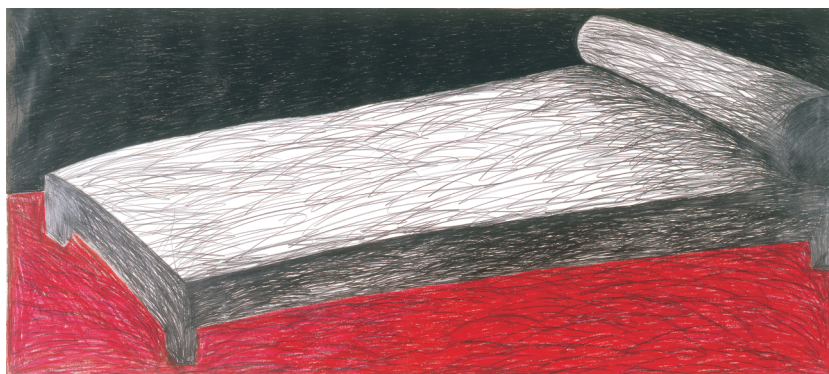
We are in the city. To the urban interior landscape corresponds necessarily an exterior one as well as an architecture. **Pedro Gomes** draws city's cutouts making proliferate cloudy tiny streaks made by ballpoint pen from which – at proper distance – buildings and streets with unexpected definition are revealed to us.

Nadir Afonso in a 1941 painting depicts *Os Clérigos* (The Clergymen Tower), in Oporto, starting from the lower plan of a street that leads to it and blots with accuracy – but with freedom of movement – the buildings' facades or the asphalt and the sky that frame it. By the same epoch, **Thomáz de Mello (TOM)** stylizes a New York aerial view, and **Carlos Botelho** also paints aspects of the big city. **Bernardo Marques** draws the Alfama slope or roofs in more peripheral areas. In **Júlio Resende** case, a dense stylistic variation of abstraction transforms what could be houses 'cutouts and, in another case, *Figuras à Mesa* [Figures at the Table], in compact and amalgamated geometries. **Rui Filipe** recurs to a similar process in spite of the different value he confers to the cutout trace. **João Abel Manta** leads us to the more degraded and marginal places of the big city depicting a spot inside Casal Ventoso neighbourhood in Lisbon.

The window is the fundamental threshold between the house and the outside world. It is expressive in **Almada**, emotional in **Sarah Affonso**, verisimilar and incantatory in **Carlos Botelho**, decorative and bourgeois in **Bernardo Marques**, surreal and enigmatic in **Fernando Lemos**. Also glimpsed in a **Maria Beatriz's** photograph, the window takes us back again to the interior of the house and to the still life painting (the famous **Mário Eloy's** still life painting has

inevitably called forth) after having incited us to external contemplation. *Vitas Brevis* is a melancholic and concisely evocative series of photographs of an encoded narrative which the artist has developed in 2000 for a CAM exhibition. The installation *Homenagem a Almada* [Homage to Almada] is far anterior (1983) in spite of its formal familiarity. A text by Almada functions as a pretext to the symbolic evocation of motherhood tenderness, warmth and security. The mother is the primary home.

Something similar – although more generic – is stated in **Cabrita Reis'** work *Meus Pais deram-me aquilo que podiam, Alma da sua Diversa* [My Parents gave what they could afford, me, a different soul]. The work (wood, light, cloths and food) is a material and spiritual tribute to that family legacy and matrix.



Pedro Calapez, *S/Titulo* [Untitled], 1982

In the interior of the house we dwell in rooms (**Emmerico Nunes, Manuel Amado**) and living rooms (**Bernardo Marques**), we register memories and omissions: **Cabrita Reis'** *A Casa do Esquecimento* [House of Oblivion] – wall of plaster blocks in which was carved an opening where stands an oil pitcher – draws that archetype where shelter and threat fuse against survival, solidity and precariousness.

Lourdes de Castro's sheet keeps us still in the interior, in the outline of a lying body in which we are easily projected. The same happens with **Pedro Calapez's** divan.

The door is the big threshold, the one that really allows us the access to these two facets of the world: inner/outer. **Graça Pereira's** gigantic Etruscan door updates an ancestral cultural reference, conferring to it a monumentality of its own but also “shaping” and filling in the painting with countless details: illegible scrawls, crumpled straws under transparent plastic, personal inscriptions.

The last door and the last dwelling are sepulchral – **José Pedro Croft's** marble sculpture builds up that place of ambiguous synthesis and attraction where the idea of threshold assumes its deepest and disturbing meaning.

Leonor Nazaré



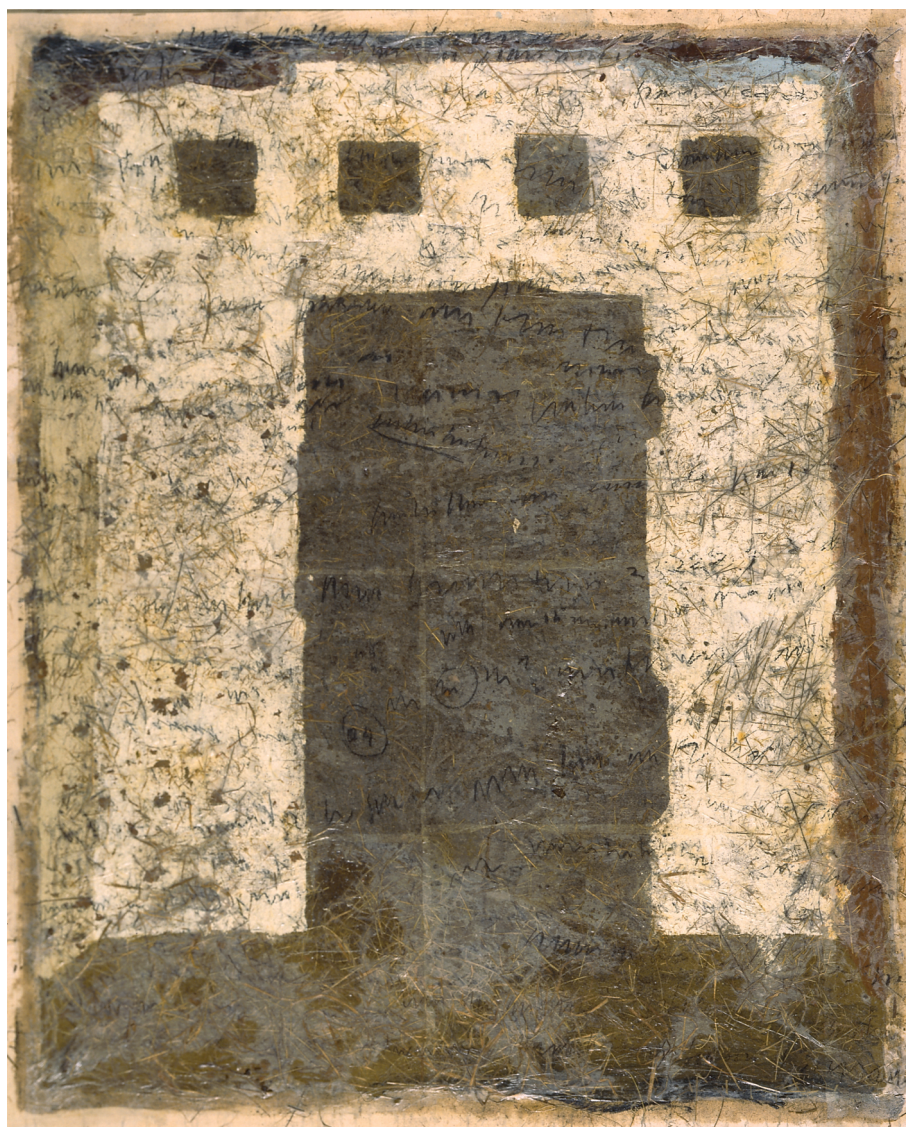
Carlos Botelho, *Interior* [Interior], 1937



Júlio Resende, *Figuras à Mesa* [Figures at the Table], 1956



Rui Filipe, Casas [Houses], c.1957



Graça Pereira Coutinho, *Pintura (série Porta Etrusca)* [Painting (from the series Porta Etrusca), 1989]



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

CAM

Directora
Director

Isabel Carlos

Curadoria e Gestão da Coleção
Curatorship and Collection Management

Ana Vasconcelos e Melo

Leonor Nazaré

Patrícia Rosas

Rita Fabiana

Arquitectura, Montagem e Grafismo
Architecture, Installation and Design

Cristina Sena da Fonseca

Paulo Santos

Pedro Leitão

Produção
Production

Ana Gomes da Silva

Rita Lopes Ferreira

Arquivo Fotográfico
Photography Archive

Paulo Costa

Teresa Cartaxo

Controlo de Gestão
Accounting

Ivone Santos

Luís Gil

Apoio Administrativo
Administrative Support

Ivone Massapina Pinto

Rosário Lourenço

Museografia
Museography

Carlos Catarino

Carlos Gonçalinho

José Nunes de Oliveira

Educação Artística
Arts Education

Fátima Menezes

Margarida Ramos Vieira

Susana Gomes da Silva

www.cam.gulbenkian.pt

CAM

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078, Lisboa | Tel. 21 782 34 74
De terça a domingo das 10 às 18 horas

Rua Dr. Nicolau Bettencourt, 1050-078, Lisboa | Phone: 21 782 34 74
Tuesdays through Sundays 10 am – 6 pm

VISITAS

Encontros ao Fim da Tarde

28 Jan. (sex.) às 17.00h

Leonor Nazaré, Pedro Gomes e Gil Heitor Cortesão

25 Mar. (sex.) às 17.00h

Leonor Nazaré e Graça Pereira Coutinho

Domingos com Arte

6 Fev., 6 Mar. e 27 Mar. (dom.) às 12.00h

Por Carlos Carrilho

Uma obra de arte à hora de almoço

4 Fev. (sex.) às 13.15h

A Casa do Esquecimento de Pedro Cabrita Reis

Por Carlos Carrilho

4 Mar. (sex.) às 13.15h

Série Habitar de Pedro Gomes

Por Carlos Carrilho

CURSOS

Afectos, trajectos e conceitos:

manifestações da arte conceptual em Portugal

Por Ana Gonçalves

29 e 30 Janeiro

A obra de arte como lugar:

o conceito de espaço na arte contemporânea

Por Ana João Romana e Sara Franqueira

12 e 13 Março

Espaços habitados:

o corpo como ferramenta viva

Técnicas artísticas para não artistas

Por Andreia Dias e Sara Franqueira

19 e 20 Março

Oficinas para famílias e crianças

Visitas para escolas e grupos organizados

Marcações / Informações

Descobrir

Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

Tel. 217823800

descobrir.marcacoes@gulbenkian.pt

www.descobrir.gulbenkian.pt

VISITE A COLECÇÃO DO **CAM**, EM:
EXPLORE **CAM**'S COLLECTION, AT

www.cam.gulbenkian.pt

CAM2011

▀ Maria Beatriz, *Vita Brevis*, 2000/2001